

Argentina pode aderir

HUGO MARTINEZ
Nosso correspondente

BUENOS AIRES — O secretário da Fazenda e principal negociador da dívida externa argentina, Mario Brodershon, depois de uma reunião com o ministro da Economia, Juan Sourrouille, declarou: "Se os bancos credores não nos concederem os créditos de que necessitamos para manter o equilíbrio do balanço de pagamentos, daremos prioridade a nossas necessidades de crescimento, em prejuízo do pagamento da dívida externa. Se às nossas respostas sensatas responderem com incompreensões, usaremos a linguagem da incompreensão".

Essa ameaça de endurecer a posição negociadora argentina se transforma de fato numa posição solidária com a moratória decretada pelo Brasil. A Argentina reforça, assim, a decisão do presidente José Sarney. O governo argentino solicitou aos banqueiros internacionais 2,1 bilhões de dólares que, somados aos empréstimos já dados pelo Fundo Monetário Internacional, totalizam 3,9 bilhões. Os

credores privados começarão segunda-feira a negociar com a Argentina, porém o farão levando em conta o discurso de Sarney e a ameaça de Brodershon.

IMPACTO

A decisão do governo brasileiro de declarar a moratória dos juros da dívida externa causou forte impacto na Argentina. Os principais jornais do país deram grande destaque ontem à notícia, considerando-a benéfica para a situação argentina. Alguns comentaristas econômicos acreditam que isso facilitará os acordos entre a Argentina e os credores internacionais. O governo, porém, reagiu imediatamente às conclusões da imprensa: "A Argentina não se beneficia se as coisas vão mal no Brasil", afirmou um alto funcionário da chancelaria.

Um diretor do Banco Central foi bem claro: "Não esperamos uma reação com o que foi publicado. Felizmente, as negociações com os credores se baseiam em ações mais serenas e menos ansiosas. A situação brasileira só demonstra a situação real dos devedores latino-americanos".